



**REDATOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Batalha-Lisboa* • Telefone 5389 C.  
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A guerra social

XIV

### A Rússia e o regime bolxevista

A política da Entente para com a Rússia Bolxevista impediu durante muito tempo que os ocidentais conhecessem o que em realidade existia na Rússia. O processo de atafular os cérebros que os jornais capitalistas empregavam tornava suspeitas as suas informações. Portanto, quase que nada se conhecia do que realmente existia nos miríametros quadrados que se estendem do Golfo da Finlândia ao Mar Cáspio e do Vistula, do Bug ou do Dnieper ao lago Baskal e ao Amur. Poder-se-ia quando muito fazer uma ideia mais ou menos imperfeita, justapondo, comparando, discutindo as informações na sua maioria contraditórias de alguns ingleses ou americanos que tinham vivido pouco ou muito na Sovdeia.

Mas a verdade não se pode conservar, durante muito tempo, assolhada, ficava sempre e depressa por derrubar os obstáculos que se opõem ao seu conhecimento. Isto é um fenômeno constantemente observado na história da humanidade. E se os homens aproveitassem os ensinamentos da história, nunca procurariam nem ocultar, nem aniquilar a verdade. Mostrá-la iam nra e crua. Os homens não são sensatos. Procuram iludir os outros e são por seu turno vítimas dessa ilusão, não conseguindo impedir por este meio o conhecimento da verdade, entretanto retardando com grave prejuízo seu e de todos. Por isso é que só agora se começa a ter conhecimento da realidade dos factos na Rússia Soviética. Este conhecimento da realidade sobreveio após as legendas criadas pela ausência das informações, e estas legendas, fruto dumha imaginação sem exame motivada pela ignorância, são naturalmente muito diferentes da realidade e muito melhores do que ela. O resultado de tudo isto é que presentemente a verdade real encontra grandes dificuldades para ser aceite por todos os que abraram uma Rússia Soviética, segundo os seus sentimentos, as suas predileções, o seu raciocínio. Os dirigentes do Ocidente, no seu afan de atafular o povo das massas dirigidas caíram nos próprios laços que armaram. A crua verdade teria sido para eles de maior proveito, porque não se teria formado a curva hoje existente em torno do Bolxevismo.

### Os inquiridores e os inquiridores na Rússia

Qual é pois a verdade real sobre a Rússia Soviética? Presentemente podemos concretamente nas suas grandes linhas, graças aos relatórios das missões britânicas e italiana na Rússia. Não falo de missão francesa, porque um dos seus redatores, o sr. Frossard, disse: "Não tenho críticas a fazer sobre o que vi na Rússia; e se tivesse que as fazer, não as apresentaria". Por outras palavras: guardo a verdade para mim e só digo o que serve aos meus interesses, aos meus fins políticos". Isto mostra um estado de espírito desplorável, porque revela o desprê completo pelas massas humanas julgadas só para crer e obedecer. Os relatórios italiano e britânico parecem imparciais, mas os dirigentes do Ocidente, no seu afan de atafular o povo das massas dirigidas caíram nos próprios laços que armaram. A crua verdade teria sido para eles de maior proveito, porque não se teria formado a curva hoje existente em torno do Bolxevismo.

### A situação industrial e comercial

A situação económica é no seu conjunto lamentável. A indústria falha de esmerilhantes e de máquinas, falta de técnicos e de mão de obra especializada, é num estado deplorável. A produção é bem menor que sob o regime pré-bolxevista, não só por causa das condições precedentes, mas ainda por motivo da própria natureza da exploração e do trabalho. Este exerce-se sob uma fiscalização estatal, burocrática. Os trabalhadores mais ou menos trabalham sempre num sistema de opressão permanente. O resultado é a diminuição da produção, que em condições normais dariam o mesmo operário, como trabalhador individual. A falta de máquinas-ferramentas é devida às condições criadas pela guerra mundial. A duração desta gastou toda a ferramentagem industrial não permitindo a sua conservação nem renovação. As outras condições de imperfeição industrial são principalmente devidas às condições do apôs-guerra, à derrocada do Estado, ao seu socialismo. Os dirigentes do Ocidente, no seu afan de atafular o povo das massas dirigidas caíram nos próprios laços que armaram. A crua verdade teria sido para eles de maior proveito, porque não se teria formado a curva hoje existente em torno do Bolxevismo.

Outro tanto sucedeu com o comércio. Cessou de ser livre, tornou-se um serviço estatal, naturalmente, burocratizado. Ao lado deste comércio oficial, pôde existir um comércio clandestino, a que se entrega toda a gente quando quer. O serviço de transportes está desorganizado pela usura do material, em consequência da guerra e dos anos que após ela se seguiram, sem que fosse reparado por causa do bloqueio. As trocas fazem-se por intermédio de novos organismos, muito autocráticos e não suficientemente maleáveis para se adaptarem a todas as condições ambientais, por estarem muito centralizados.

A instabilidade do estado comercial agrava-se pela situação monetária. Os desfiles-papel, os únicos existentes, circulam por dezenas de bilhões. O seu poder compra ainda não é zero, mas sem cessar tende para isso.

### A situação da agricultura

As consequências desta situação comercial e industrial fazem-se sentir na agricultura. O ferramental agrícola falta. O cultivador está impedido de trocar a colheita pelos produtos industriais que necessita. Notas do banco não as tem. Para ele são papéis sem valor. Como consequência deste estado de coisas, restringe a produção. Como as cidades tem fome é forçoso alimentá-las, o que deixa lugar a ir-se aos campos requisitar viveres. Mas se o campo não responde abertamente, sabe entretanto resistir por uma forma passiva, e como consequência a produção agrícola tem diminuído. Por outro lado os transportes difíceis dificultam a distribuição dos produtos agrícolas donde provém a formação para os centros urbanos. Há dois anos que o povo russo das cidades se encontra num estado de sub-alimentação. O que é uma consequência da guerra e da Revolução, da Revolução, simplesmente porque os dirigentes ocidentais quando estrangularam o seu início imaginaram a política do bloqueio. Mas se a realidade é geral nas cidades russas, os campos alimentam-se, se não bem, pelo menos suficientemente. O que lhes falta é vestuário, roupas, calçados, ferramentas, etc. Para o cultivo, fornecer-se de vestuário, calçado, etc., o que em parte tem conseguido ser feito, e a desenvolver-se no país uma indústria autochtona, que se espalha por parte, em pequenas oficinas colectivas nascidas espontaneamente. Esta situação é prenhe de largas consequências sobre o estado psicológico da população.

Esta, no período da ante-guerra era simplesmente operária por conta dos proprietários feudais de cunhas terrenas que se possuíam. Tomou-lhes os camponeses, os prados, as florestas e considera-as como sua propriedade individual, teóricamente, o Estado seja proprietário do solo e o cultivador simbólico. E é esta posse do solo pelo camponês que permite que este governo bolxevista, apesar das contrariedades que sofre, preferindo-o a todos os outros governos, mais ou menos, para ele, representativos do Antigo regime onde vivia sem terra. A Revolução camponesa é um facto concluído. O povo mais reaparecerá na Rússia a propriedade feudal. Mas a revolução comunista ainda se não realizou.

Em suma, sob o ponto de vista económico, pode-se admitir como o faz a legação da C. G. T. italiana na Rússia que «a revolução bolxevista destruiu o capitalista, mas ainda o não substituiu por qualquer causa que deva responder às necessidades de um povo civilizado».

*Angus, Hamon,*

## O comunismo na Itália

### Um caso curioso

Entre os casos de comunismo agrário que se deram na Itália, merece especial menção o ocorrido nas propriedades do marquês Balbi de Povera. O velho castelo do marquês está situado nos arredores de Alexandria; rodeiam-no extensos jardins e residem neles as famílias de aldeões que até agora dependiam do marquês. O movimento comunista iniciou-se porque, tendo os aldeões formulado um pedido de melhorias, não o entenderam o marquês digno de resposta. O protesto dos aldeões chegou aos ouvidos dum grupo de socialistas da Alexandria que aconselharam os trabalhadores rurais a apoderar-se das terras, para obrigar o marquês a arrendá-las.

Os aldeões tomaram posse das terras e das sementes da última colheita, armazenadas ainda em váría dependência do castelo, e imediatamente enviaram um ultimatum ao proprietário: «Arrende-nos as terras — diziam eles — e daremos a quarta parte das colheitas. Os títulos de propriedade continuariam em seu poder».

O marquês pensou em repelir a fórmula; mas os aldeões não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietário. Até esse momento os rurais vinham um salário de 14 liras, mas diziam não poder com esta quantia prover às suas necessidades.

As imensas propriedades do marquês de Povera estão hoje sob a administração dumha cooperativa operária. O marquês comprometeu-se a dar um salário nominal aos trabalhadores, durante as épocas intermédias das colheitas. Estas vender-se-hão no mercado com a intervenção da cooperativa e do marquês; 25 por cento do produto total será adjudicado aos operários; destas quantias serão deduzidos os adiantamentos feitos aos aldeões pelo marquês; os restantes 25 por cento ficam para o proprietário, competindo a este a compra, por sua conta, dos aparelhos de lavora, o pagamento de contribuições, o fornecimento de gado, e o abono da metade do custo do grão para as semelhantes.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeões arriram a bandeira vermelha que se hasteava no castelo, e volveram as suas habituals ocupações, como se nada houvesse sucedido.

### A questão social em Espanha

Em Barcelona continua a situação a ser gravíssima

BARCELONA, 3.—A maioria das fábricas pararam em consequência das greves dos maquinistas e fogueiros.

O governador não encontrou pessoal para reparar os cabos dos eléctricos, continuando paralisação dos mesmos.

Continuam as agressões pessoais, sendo a situação gravíssima, havendo muitas prisões. Os novos crimes em Tarrasa aumentaram a indignação.—Rádio.

### Excitação operária em Saragoça

SARAGOÇA, 3.—Reina grande excitação entre os operários em razão dos patrões não consentirem que se abram as fábricas e oficinas, sendo a causa principal o estado social aumentado pela constante emigração.—Rádio.

### PELO SUL E SUESTE

### Restabelecendo a verdade

Não é verdadeiro o boato, de que se fez eco a imprensa, relativamente à apresentação, na estação do Sul e Sueste, do chefe dos revisores. De verdade há apenas o facto de estar ao serviço, desde o inicio da greve, o sub-chefe dos serviços, Ballarim, em serviço no 4.º seccao, Faro, e os revisores Martinho e Sousa que fizeram a sua apresentação na estação de Lisboa.

Devemos também esclarecer o público de que não conhecemos no Sul e Sueste esta estação ferroviária com aquele nome.

### Os mineiros ingleses

#### Mantêm-se em atitude pacífica

LONDRES, 3.—O resultado da votação nos termos propostos para terminação da greve mineira, demonstrou que os mineiros estão fortemente resolvidos a manter-se em atitude pacífica.

Até agora receberam-se informações de treze distritos mineiros e apenas em duas houve uma maioria que se manifestou hostil aos acordos.

Em oito distritos de Northumberland, sete resolveram aceitar o acordo.

Os últimos números mostram que dez mil seixentos cinco e dois aceitaram as condições oferecidas a cinco mil trezentos cinco e dois combatentes-nas-

Rádio.

### Na Irlanda

#### Continuam os distúrbios

LONDRES, 3.—Tem havido mais assassinatos e represálias na Irlanda.

Ontem foram assassinados três policiais e um soldado e dois civis foram por seu turno mortos pela polícia, houve ainda mais quatro policiais, dois soldados e quatro civis feridos.

Os militares fizeram grande número de raids em Dublin, tendo entre outros edifícios assaltado a Universidade Nacional.—Rádio.

Perguntámos aos camaradas: Devem curvar-nos perante as violências do sr. governador civil? Não... O governador civil, vendo no Sindicato Único,

## UM LONGO ROL DE INFAMIAS

### Para maior glória da República e do sr. António Granjo

#### Liberdade de imprensa

Préso por escrever artigos! Présos por ser editor do jornal onde esses artigos vieram inseridos!

Os jornais de ontem publicavam a seguinte notícia, sem um protesto, sem um comentário:

Ontem à noite, foram chamados à polícia de segurança do Estado, os srs. Simão Laborreiro, César da Cunha Belém e Horácio Silva, respectivamente director, redactor e editor do jornal O Tempo, que foram largamente interrogados pela major sr. Marreiros, director daquela polícia, acerca de uns artigos publicados no respectivo jornal, atacando-o.

Ficaram detidos os srs. Laborreiro e Horácio Silva, que recolheram a um dos calabouços do governo civil, devendo seguir hoje para a cadeia do Linceiro e sendo o respectivo processo enviado ao Tribunal Militar.

O primeiro é acusado como autor dos referidos artigos e o segundo como editor responsável do jornal que os publicou.

O sr. César da Cunha Belém não ficou preso por não ter responsabilidade nos referidos artigos.

As imensas propriedades do marquês de Povera estão hoje sob a administração dumha cooperativa operária. O marquês comprometeu-se a dar um salário nominal aos trabalhadores, durante as épocas intermédias das colheitas.

Estas vender-se-hão no mercado com a intervenção da cooperativa e do marquês;

25 por cento do produto total será adjudicado aos operários; destas quantias serão deduzidos os adiantamentos feitos aos aldeões pelo marquês;

os restantes 25 por cento ficam para o proprietário, competindo a este a compra, por sua conta, dos aparelhos de lavora, o pagamento de contribuições, o fornecimento de gado, e o abono da metade do custo do grão para as semelhantes.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeões arriram a bandeira vermelha que se hasteava no castelo, e volveram as suas habituals ocupações, como se nada houvesse sucedido.

O marquês pensou em repelir a fórmula; mas os aldeões não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietário.

Até esse momento os rurais vinham um salário de 14 liras, mas diziam não poder com esta quantia prover às suas necessidades.

As imensas propriedades do marquês de Povera estão hoje sob a administração dumha cooperativa operária. O marquês comprometeu-se a dar um salário nominal aos trabalhadores, durante as épocas intermédias das colheitas.

Estas vender-se-hão no mercado com a intervenção da cooperativa e do marquês;

25 por cento do produto total será adjudicado aos operários; destas quantias serão deduzidos os adiantamentos feitos aos aldeões pelo marquês;

os restantes 25 por cento ficam para o proprietário, competindo a este a compra, por sua conta, dos aparelhos de lavora, o pagamento de contribuições, o fornecimento de gado, e o abono da metade do custo do grão para as semelhantes.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeões arriram a bandeira vermelha que se hasteava no castelo, e volveram as suas habituals ocupações, como se nada houvesse sucedido.

O marquês pensou em repelir a fórmula; mas os aldeões não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietário.

Até esse momento os rurais vinham um salário de 14 liras, mas diziam não poder com esta quantia prover às suas necessidades.

As imensas propriedades do marquês de Povera estão hoje sob a administração dumha cooperativa operária. O marquês comprometeu-se a dar um salário nominal aos trabalhadores, durante as épocas intermédias das colheitas.

Estas vender-se-hão no mercado com a intervenção da cooperativa e do marquês;

25 por cento do produto total será adjudicado aos operários; destas quantias serão deduzidos os adiantamentos feitos aos aldeões pelo marquês;

os restantes 25 por cento ficam para o proprietário, competindo a este a compra, por sua conta, dos aparelhos de lavora, o pagamento de contribuições, o fornecimento de gado, e o abono da metade do custo do grão para as semelhantes.

No momento em que se firmou este contrato, os aldeões arriram a bandeira vermelha que se hasteava no castelo, e volveram as suas habituals ocupações, como se nada houvesse sucedido.

O marquês pensou em repelir a fórmula; mas os aldeões não cederam e, quarenta e oito horas mais tarde, firmou-se um contrato em Alexandria, no qual se determinavam as futuras relações entre os colonos e o proprietário.

Até esse momento os rurais vinham um salário de 14 liras, mas diziam não poder com esta quantia prover às suas necessidades.

As imensas propriedades do mar

